



Leonardo Affonso de Miranda Pereira. **Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

O drible antropofágico

por Daniel Piza

É raro o futebol entrar na arena da academia e é mais raro ainda sair de lá com ginga e brilho. Em *Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, o historiador e pesquisador da Unicamp Leonardo Affonso de Miranda Pereira rompe tal esquema e faz uma tese de doutorado interessante para qualquer tipo de leitor.

Livros sobre futebol no Brasil costumam ser reuniões de crônicas, álbuns de fotos ou biografias narrativas. Pereira faz um estudo sério, mas com leveza e fluência, sobre um aspecto menosprezado do esporte nacional: os contornos sociais de sua afirmação.

Esporte nacional? Nem tanto, no período que Pereira estuda. O "football" foi promovido no Brasil pelos ingleses e rechaçado pela elite e pelos nacionalistas por seu aspecto vulgar e importado. Num capítulo especial, Pereira descreve a reação de escritores como Graciliano Ramos e Lima Barreto contra a modalidade que nada teria a ver com a cultura local. Quando o autor deixa a história, no ano da Copa de 38, o futebol já é o esporte mais cultuado do Brasil, e Getúlio Vargas anota em seu diário a comoção nacional pela derrota diante dos italianos. O que aconteceu nesse período é o que Pereira mostra: como aquele esporte "esnobe" se tornou preferência popular?

Uma das questões centrais nessa transformação cultural é a do racismo. No início, negros eram proibidos de jogar na maioria dos clubes; aos poucos, porém, o surgimento de grandes atletas negros e a carência de mão-de-obra (ou pé-de-obra), devido à adesão popular ao ludopédio, modificaram o panorama, abrindo espaço para uma nova auto-imagem da composição do povo brasileiro. O esporte antes reservado a "fidalgos" era agora propriedade de todos, apesar das muitas dificuldades enfrentadas para o ingresso dos negros nos clubes esportivos. Com o tempo, os jogadores deixam de ser vistos como diletantes e passam a ser profissionais, "trabalhadores da bola", com direitos como quaisquer outros.

Pereira toca também na questão espinhosa do moralismo darwinista da época, como a crença de São Paulo em que seu avanço "moral e material" se reproduziria nos torneios de futebol. Também trata dos ritos de masculinidade envolvidos no jogo, como o escritor Coelho Neto viveu pessoalmente (seu jeito afetado e reservado inspirava o coro habitual). Mas Coelho Neto exaltou as virtudes guerreiras do futebol, enquanto Lima Barreto - que o chamava de "bolapé" - ironizava essas pretensões regeneradoras e ufanistas. Foi a única vez que Coelho Neto bateu Lima Barreto: de fato, o futebol brasileiro valeu como contraposição ao complexo de inferioridade diante dos europeus.

Com o tempo, o futebol impôs sua força sobre a "identidade" brasileira, numa verdadeira operação antropofágica, em que o jogo dos saxões refinados foi convertido em emblema de uma democracia multi-racial, no que tinha de falso e triunfalista mas, sobretudo, no que ajudou à necessária etapa de afirmação da nacionalidade. Excessos que já deveriam estar findos, mas não estão.

*Publicado no Estadão
Domingo, 10 de dezembro de 2000.